



O ENCOBERTO DA VILA DO PRÍNCIPE (1744-1756): MILENARISMO-MESSIANISMO E ENSAIO DE REVOLTA CONTRA BRANCOS EM MINAS GERAIS*

Luiz Carlos Villalta**

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

villalta@fafich.ufmg.br

RESUMO: Este artigo propõe-se a apresentar a trajetória e as idéias de João Lourenço ou Antônio da Silva, eremita e milenarista que circulou pela Vila do Príncipe (atual Serro), Capitania de Minas Gerais, nos idos de 1744, dizendo-se o Encoberto e propondo-se a realizar uma sedição de índios, pardos e negros, cativos e forros. Baseia-se fundamentalmente em fontes inquisitoriais, primeiramente encontradas pela historiadora portuguesa Ana Margarida Santos Pereira.

PALAVRAS-CHAVE: Milenarismo – Messianismo – Serro – Sedição – Minas Colonial

ABSTRACT: This article presents the ideas and the paths of João Lourenço or Antônio da Silva, a millenarian hermit who circulated in Vila do Príncipe (nowadays Serro), Captaincy of Minas Gerais, close by 1744. This man said he was the *Encoberto* (a kind of Vice-Christ in the Earth, who about the Bible says) and tried to make a rebellion of Indians, Mulattos and Blacks, slaves and freed-people. This essay is supported by Inquisition sources that Ana Margarida Santos Pereira, a Portuguese historian, had found it before me.

KEYWORDS: Millenarism – Messianism – Serro – Sediton – Colonial Minas

Em 1744, apareceu na Vila do Príncipe (atual Serro), Minas Gerais, um eremita. Para alguns, apresentou-se como Antônio da Silva e, para outros, como João Lourenço. Nessa vila mineira e imediações, o eremita agiu como um autêntico mediador cultural. Ensinou rapazes a ler, circulou entre escravos, forros e livres, homens e mulheres, e, ainda, esteve com três padres, figuras de certa reputação na localidade, discutindo com todas essas pessoas, sobretudo, a respeito de religião (mas não só).

* Uma primeira versão deste ensaio foi apresentada no GT de História Cultural, coordenado por Sandra Pesavento, Antônio Herculano e Mônica Veloso, atividade integrante do *XXIV Simpósio Internacional da ANPUH – História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*, realizado em 2007, em São Leopoldo, RS. A pesquisa que o subsidiou foi realizada em estágio pós-doutoral financiado pela CAPES, em janeiro e fevereiro de 2005, em Lisboa.

** Professor Adjunto do Departamento de História da UFMG, bolsista de produtividade do CNPq, nível 2.

Disseminou idéias messiânico-milenaristas, dizendo-se o Encoberto, filho do Rei Dom João V e irmão do Príncipe Dom José, e afirmando que vinha “Restaurar os pretos e mulatos dos cativos e tirallos do poder de seus senhores para hir com elles Restaurar a Caza Sancta”. Ensaçou, assim, um levante de negros, mulatos e índios contra os brancos.

Neste artigo, tenho por objetivo narrar a trajetória e apresentar as idéias de Antônio da Silva. Usarei, para tanto, documentos inquisitoriais primeiramente encontrados e analisados pela historiadora portuguesa Ana Margarida Santos Pereira, que, com notável despreendimento, indicou-me essas fontes quando eu procurava por editais da Inquisição no Arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa, nos inícios de 2005, motivo pelo qual lhe rendo aqui os meus sinceros agradecimentos.

O Bando e o Sonho de Sedição

No dia primeiro de novembro de 1744, na Capela de Nossa Senhora da Conceição, na Vila do Príncipe, Comarca do Serro Frio, Capitania de Minas Gerais, foi afixado um papel, similar aos bandos, veículos de divulgação de deliberações da administração régia. Tal papel tinha o seguinte conteúdo:

Eu João Lour. Príncipe em cuberto, filho do Rey João. quinto, e de victoria, Portuguezes, por mandado de Deos, assistente na Cidade, das Minas da Prata, ouro, e diversas pedras preciozas, e diamantes, capela Nossa Senhora da Conceição.

Mando em dia de todos os santos, Primeyro de Novembro, de mil, sête sento, quarenta e quatro, que do dia asima nomeado pelo tempo adiante declarado o Povo Portugues da America, e de todo o Reyno de Portugal seja de todo o trebuto despensado, e de Justisa, e dizimos Retirado.

Pôsse dou Ò Povo Secular das suas Igrejas, Tit^o A posse a todos os icleziasticos, sò sim poderam uzar de officos Divinos, dandobe [sic] os secullares suas ofertas proporcionadas, comservando a pòsse os Seculares, para festeyarem o culto Divino, à sua Satisfação.

Declâro que de Lisboa aqui, por mandado de Deos vim para prezensiar as necessidades que no Povo vy; e evitar e evitar [sic] tantas treysdêns. que conbeci [sic].

E todo O Povo Pardo, Indios, e Negros, a mim juntar sem ninguem os poder cativar, para todo o Mourismo, neste tempo desbaratar, e os Lugares Santos a Portuguezes Christãos entregar.¹

¹ IANTT. **Inquisição de Lisboa**, Março 58, p. 288. Fala-se, na documentação, também na existência de uma bula, a qual não aparece (Ibid., p. 329.)

João Lourenço, por meio desse bando, dizia-se Príncipe Encoberto, ou seja, aquele que, segundo a perspectiva dos milenaristas-messiânicos, viria para instalar, em nome de Cristo, um Reino, similar ao Quinto Império do Mundo de que fala a Escritura Sagrada. Apresentava-se como filho de D. João V e de sua legítima esposa, dona Mariana Vitória d'Áustria, vindo às Minas, terra que caracterizou a partir de suas supostas riquezas (“prata”, “ouro” e “diversas pedras preciosas”), em nome de Deus, para acudir o “povo”, povo traído. O povo de que falava era o “português”, do Reino e da América, a quem isentava do pagamento de todo tributo e dízimos. Por “povo”, tomava fundamentalmente os pardos, índios e negros, declarando que todos esses três últimos elementos não poderiam ser escravizados e estariam a ele unidos contra o “mourismo”, em uma espécie de cruzada que se realizaria para libertar os “lugares santos” e entregá-los aos “cristãos portugueses”. Determinava ainda que a posse das igrejas caberia aos seculares (e não mais aos clérigos), restando aos últimos apenas os cuidados com os ofícios divinos, sendo pagos a partir de “proporcionadas” ofertas dos fiéis, ou seja, compatíveis com as suas posses. Em suma, do bando de João Lourenço deduz-se que ele se propunha a liderar um movimento de cunho milenarista-messiânico, coadjuvado por negros, índios e mestiços, cujas implicações seriam a realização de uma sedição que atacava pilares do poder monárquico (a dinastia reinante, a ordem legal e tributária) e seu irmão siamês, o poder eclesiástico (os dízimos e o controle das igrejas pelos clérigos), sob a bandeira cruzadista de ataque aos infiéis e libertação da Terra Santa. Realizando-se na América, não deixaria de incidir sobre o Reino, uma vez que lá se dariam também as isenções aludidas anteriormente, do que se deduz que o povo ao qual o Bando se dirigia incluía outros grupos, além de negros, pardos e índios, cativos e forros.

Esse ensaio de sedição não vingou. Foi denunciado à justiça secular, que abriu uma devassa para apurá-lo, prendendo João Lourenço (ou Antônio da Silva) e sua sócia Mariana, uma escrava africana, preta cativa de Manoel Lopo Pereira, moradora no Recôncavo da Vila do Príncipe, natural da Costa da Mina, de nação xamba e de cerca de 60 anos de idade.² Um escrivão da devassa, em função do que viu como herético na tentativa de sedição e nas ações e palavras de João Lourenço, denunciou-o ao padre Miguel de Carvalho Almeida Matos, vigário da vara do Serro Frio, então jurisdicionada

² IANTT. **Inquisição de Lisboa**, Março 58, p. 276.

ao Bispado do Rio de Janeiro,³ uma vez que não havia na localidade um comissário do Santo Ofício, agente autorizado a enviar denúncias à Inquisição de Lisboa. João Lourenço, “que ultim^{te}. declarou chamarse Ant^o. da Sylva”, foi denunciado em razão das “m^{tas}. palavras mal soantes e contrarias à nossa S^{ta}. Fe” que pronunciara, falas essas arroladas na devassa feita pela justiça secular. O vigário, então, aos 20 de julho de 1745, mais de sete meses após a afixação do bando, remeteu uma correspondência à Inquisição lisboeta, explicando que o denunciado fora preso pela justiça secular da Vila do Príncipe “por huma sublevaçam, que quiz fazer com os Negros, intituladose Príncipe”. Na mesma correspondência, o vigário explicou que João Lourenço ou Antônio aparecera na Vila do Príncipe em fins de 1744 “com trages [sic] de mendicantes, e barbas compridas pedindo esmollas, e fazendo suas vias Sacras”. Informou, ainda, que tomara providências relativas ao caso, prendendo Antonio e sua comparsa Mariana, mulher negra, além de inquirir testemunhas; nos próprios termos do vigário: “mandey recommendar na prizam ao d^o. Ant^o. da Sylva, e a huma Negra por nome Mariana tambem preza por ser sua parcial; e num dey a mais tempo conta à V^{as}. Senhorias, por andar fazendo a dillig^a. por humas testemunhas referidas, que se absentaram p^a. p^{tes}. incertas, e juntam^{te}. por nam haver occaziam de proprios seguros nestes Longes [sic]”.⁴ Tais providências, na verdade, ultrapassavam sua jurisdição de vigário da Vara (e isso seria depois admitido por ele), sendo cabíveis apenas a um comissário, se para tanto o mesmo recebesse ordens da Inquisição.

O Promotor do Santo Ofício em Lisboa, a partir do recebimento da denúncia, solicitou que a Mesa do tribunal ordenasse a realização das investigações necessárias. A Mesa acolheu o pedido e determinou que se fizessem as diligências para apurar os fatos e também “averiguar com toda a exzação [sic] a capacidade do dellato”, tudo isso em primeiro de maio de 1746. Para melhor compreender as idéias, as estratégias e a trajetória de Antônio da Silva-João Lourenço, a seguir, avaliarei primeiramente a história das manifestações messiânicas e milenaristas, para melhor situar sua presença em Portugal e na América lusitana. Depois, farei uma análise pormenorizada do Sumário da Inquisição de Lisboa referente a Antônio da Silva, bem como da conclusão que o referido tribunal lisboeta chegou sobre o mesmo.

³ Segundo o Guarda-mor Antônio Camello Alcoforado: “O escrivão da devassa Francisco José Coutinho dera parte ao vigário da vara sobre o ocorrido” (IANTT. **Inquisição de Lisboa**, Março 58, p. 323.)

⁴ Ibid., p. 288.

Milenarismos e messianismos cristãos

Os milenarismos aparecem entre povos cujas religiões aceitam a existência de uma idade primeira, perfeita, uma idade do ouro desaparecida, manifestando-se tanto em religiões que vêem a história como um vetor (por exemplo, judaísmo, cristianismo e islamismo), quanto entre aquelas que admitem uma renovação cíclica do universo (por exemplo, a religião dos guaranis do século XVI).⁵

Os milenarismos não se confundem com os messianismos. É certo que ambos têm em comum a espera de um tempo de felicidade, de um reino geralmente terrestre. Mas os messianismos envolvem a espera de um messias, que pode ou não ter vindo anteriormente – como, por exemplo, acontece entre os judeus –, sem definir uma duração para essa espera e para o reino do messias. Os milenarismos, por sua vez, não comportam necessariamente a crença na vinda de um messias. Os milenarismos cristãos, especificamente, se distinguem por conceberem que o advento do “reino” reatualiza as condições anteriores à Queda e, além disso, por entenderem que o Redentor já veio e que se aguarda o seu retorno. São nucleares nos milenarismos cristãos, ainda, três elementos: primeiro, a “crença num reino terrestre vindouro de Cristo e de seus eleitos”, com a duração de mil anos, literais ou simbólicos; segundo, a idéia de que o advento do milênio situa-se entre a ressurreição dos mortos já eleitos e uma segunda ressurreição, que ocorrerá na ocasião do julgamento dos demais homens; e, em terceiro lugar, a concepção de um milênio demarcado por dois momentos de provação (o reino do Anticristo, ao que se seguirá a instalação do reino de paz; e, depois, “[...] uma nova liberação das forças demoníacas, que serão vencidas num último combate”).⁶

O milenarismo cristão surgiu nos primeiros séculos da nossa Era com a seita de mesmo nome. Os milenaristas ou quiliastas, como se chamavam os membros da seita, aguardavam a inauguração do Reino de Cristo na Terra, prognosticando-o para um futuro próximo.⁷ As primeiras comunidades cristãs da Ásia abraçaram crenças milenaristas vindas de meios judaicos, entre os quais circulavam promessas de um

⁵ DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**: uma história do paraíso. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 17-18.

⁶ Ibid., p. 18-19.

⁷ BESSELAAR, José van den. **O sebastianismo**: história sumária. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/ Ministério da Educação e Cultura, 1987, p. 14-16.

futuro de felicidade, encontradas em textos do Velho Testamento, como os dos profetas canônicos Isaías e Daniel. Dessas comunidades teve origem o Apocalipse de São João (20, 1-15), que fixa a duração de mil anos para o Reinado de Cristo.⁸

No século XII, os milenarismos foram reforçados pelo pensamento de Joaquim de Fiore, monge cisterciense calabrês. Fiore abandonou sua ordem por julgar-se insuficientemente fiel ao ideal monástico e fez críticas às ordens religiosas e à Igreja, contudo, jamais refutou a ortodoxia, manifestando, pelo contrário, vontade de conformar suas idéias ao ensinamento dos papas.⁹ Para ele, ao longo da história haveria três idades: o tempo da lei natural e mosaica anterior a Cristo, o tempo definido pela vinda de Jesus e o tempo futuro em que triunfaria a “inteligência espiritual”. Ele estabelecia uma correspondência entre estas três idades e o Antigo e Novo Testamento, entre os quais Fiore via uma concordância, de tal sorte que as idades sucederiam uma à outra, reproduzindo-se, numa escala de progressiva perfeição, elementos do Antigo no Novo Testamento e, por conseguinte, também no tempo da “inteligência espiritual”. Falava também num período de repouso na terra, mediação entre o tempo das agruras de história e o início da eternidade posterior ao juízo final. Por fim, distinguia dois tempos de provação (antes da instauração do reinado do espírito e, depois, entre o término deste e o juízo final) e de dois Anti-Cristos.¹⁰ Ele, no entanto, não prognosticou nem a vinda de um Messias, nem um Reino com duração de mil anos, não podendo, por conseguinte, ser considerado messiânico ou milenarista.¹¹ Os franciscanos e os dominicanos contribuíram para a difusão do joaquimismo, tendo alguns letrados divisados, nos frades menores, os “espirituais” que renovariam a Igreja e a governariam em seu último período, proposição condenada pelo papa Alexandre IV em 1255. Ganhando o mundo dos leigos, o joaquimismo, radicalizado e simplificado, deu origem a movimentos proféticos na Itália nos séculos XIII e XIV e difundiu-se pela França, Alemanha e Países Baixos nesse mesmo período, levando ao surgimento da heresia do livre espírito, que reunia a promessa de um reino messiânico, a vontade de destruir as riquezas do mundo pecador e a proposição segundo a qual todos os bens possuídos por outrem pertenciam aos “espirituais” e que nada seria pecado para os mesmos, desencadeando

⁸ Cf. DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**: uma história do paraíso. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 22.

⁹ Cf. Ibid. p. 40-47.

¹⁰ Cf. Ibid., p. 42-44.

¹¹ Cf. Ibid., p. 43.

roubos e excessos eróticos.¹² Esses seguidores de Joaquim de Fiore, com o radicalismo e a violência que suscitaram, traíram as idéias deste último e trouxeram elementos não contidos originalmente no pensamento do mesmo: a crença na existência de um imperador leigo, reinando sobre a cristandade regenerada e aplicando castigos severos à Igreja por suas faltas e torpezas, e a espera de um papa “angélico”, graças ao qual haveria um só rebanho e um só pastor. Ao mesmo tempo, insistiram num ponto não privilegiado por Fiore: as provocações que marcariam o início do reinado do Imperador.¹³

Nos séculos XV e XVI, idéias milenaristas prosperaram na Alemanha, na França e na Itália, sendo identificados como o imperador dos últimos dias soberanos alemães e franceses de nome Frederico e Carlos, aureolados pela ascendência comum de Carlos Magno.¹⁴ Ao mesmo tempo, nos países tchecos e na Boêmia, no século XV; na Alemanha, no século XVI; e na Inglaterra, no século XVII, aconteceram insurreições de tendências milenaristas.¹⁵ A Inglaterra foi o país do Ocidente europeu que, entre o final do século XVI e 1660, debateu com maior paixão o milênio. A espera do milênio difundiu-se entre os teólogos, ganhando, portanto, os meios eruditos, e contagiou também ativistas religiosos, alcançando extremo radicalismo.

As idéias milenaristas chegaram à América Inglesa, estabelecendo-se uma circulação mútua entre a Inglaterra e suas possessões Norte-Americanas, sendo as pessoas de John Cotton (1584-1652) e John Elliot (1604-1690) exemplos de eruditos que influenciaram os dois lados do Atlântico.¹⁶ Na América Inglesa, os milenaristas aliavam a apreensão da nova terra como paraíso à crença de que os índios ou eram pagãos a serem convertidos antes dos últimos tempos, ou seriam descendentes das dez tribos perdidas de Israel. Compreendiam também que a Santa Igreja seria transferida para o outro lado do Atlântico. Para alguns emigrados, no entanto, a América seria um deserto, um lugar selvagem não atingido pela corrupção, constituindo-se por isto mesmo como um espaço mais apropriado para a edificação da nova Igreja e instalação por Deus de seu Reino terrestre.

Nos séculos XIII e XIV, a Espanha foi atingida pelas idéias milenaristas, especialmente de inspiração joaquimita e franciscana, exercendo particular influência os

¹² Cf. DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**: uma história do paraíso. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 57-63.

¹³ Cf. *Ibid.*, p. 49; 66;80.

¹⁴ Cf. *Ibid.*, p. 66-75.

¹⁵ Cf. *Ibid.*, p. 92; 95-97; 108-110; 123;128-147.

¹⁶ Cf. *Ibid.*, p. 13, 116 e 223-225.

escritos de Arnould de Villeneuve, que denominava “Novo Davi” o imperador dos tempos de felicidade, e Jean de Roquetaillade.¹⁷ No século XIV, o joaquimismo parece ter entrado em Portugal e, nos séculos XVI, XVII e XVIII, se constituiu neste país um “vasto repertório de crenças profético-messiânicas” e, de resto, milenaristas, em torno da idéia de um Quinto Império controlado pelos portugueses.¹⁸ Os portugueses talvez tenham sido os únicos europeus a se apropriarem, *por séculos*, do mito do Encoberto, a realimentarem-no.¹⁹ Constituíram o único povo em que os milenarismos e messianismos tiveram como núcleo original formulações tecidas por um artesão – o sapateiro Gonçalo Annes Bandarra, ele próprio um mediador cultural – e difundidas entre pessoas de amplos segmentos sociais, atingindo de forma decisiva letrados, alguns de renome internacional, como o padre Antônio Vieira. Naquilo que se refere às bases sócio-econômicas, enquanto na Inglaterra os milenarismos desenvolviam-se em meio à corrosão do feudalismo e às transformações de cunho capitalista; enquanto na Alemanha, eram reações à segunda servidão; na Península Ibérica tratava-se de formulações elaboradas sob o impacto dos descobrimentos, em meio à presença forte da cultura judaica e ao colonialismo (fator que talvez tenha influído de forma equiparável o milenarismo inglês).²⁰ A etnia judaica fazia-se presente em Portugal e na Espanha desde o período romano. Em Portugal, se os judeus foram perseguidos violentamente no século XII e convertidos ou expulsos no final do século XV, viveram nesse intervalo sem maiores restrições, cultivando uma mística escatológica.²¹ Ao final do século XV e XVI, alguns judeus ou elementos de origem judaica apresentaram formulações messiânicas e/ou milenaristas: Isaac Abravanel, judeu convicto, compreendia que o sofrimento do povo judeu em Portugal de fins do século XV indicava o advento do Messias, prevendo-o para o ano de 1503 ou para o intervalo 1490-1573; em Trás-os-Montes, dois “rabinos”, Diogo de Leão de Costanilha e Antônio de Valença,

¹⁷ Cf. DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**: uma história do paraíso. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 191.

¹⁸ Cf. ROMEIRO, Adriana. **Um visionário na corte de D. João V**: revolta e milenarismo em Minas Gerais. Campinas: 1996. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, 1996, f. 79. Besselaar afirma que os séculos mencionados assistiram ao apogeu dos profetismos em terras lusitanas (BESSELAAR, José van den. **O sebastianismo**: história sumária. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/ Ministério da Educação e Cultura, 1987, p. 17, 25; 33.)

¹⁹ Cf. HERMANN, Jacqueline. **No Reino do Desejado**: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII). São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 61-62.

²⁰ Jacqueline Hermann propõe esses elementos como específicos dos *messianismos* ibéricos – a autora, neste ponto, portanto, não usa o termo milenarismo (Ibid., p. 37 e 234).

²¹ Cf. Ibid., p. 35-36.

prognosticavam a vinda de um messias judeu; e o próprio D. João III, para justificar a instalação do Santo Ofício diante do Papa, mencionou o levantamento de um messias entre os cristãos-novos.²² Todavia, embora mais forte na Ibéria, o milenarismo judaico desenvolveu-se também em outras partes da Europa. Na segunda metade do século XVII, por exemplo, viu-se, para além das fronteiras portuguesas e espanholas, a difusão do sabataïnismo: o rabino Sabatai Tzvi se anunciava como o messias esperado para o ano de 1666, o número da besta, ganhando a adesão da maioria dos rabinos, à exceção da Polônia, deflagrando uma onda de fervor entre judeus e não judeus.²³

Gonçalo Anes Bandarra, o sapateiro já mencionado, referência para as crenças messiânico-milenaristas surgidas em Portugal, nasceu em Trancoso por volta de 1500. Outra personagem que gozou de influência nesses termos, embora muito inferior ao sapateiro de Trancoso, foi Simão Gomes, o *Sapateiro Santo*, membro da Companhia de Jesus, lendário personagem que teria exercido influência na Corte de D. João III e de D. Sebastião.²⁴ Bandarra entendia que algumas maldades afligiam o Reino Luso – o uso da simonia pelo clero, a venalidade dos juízes, a ostentação de títulos comprados pelos fidalgos, a leviandade e frivolidade das mulheres e a falta de coragem das autoridades para agir e reagir.²⁵ E, a partir da leitura da Bíblia, de profecias atribuídas a santo Isidoro e das *Coplas* do castelhano Pedro Frias e de outros versejadores espanhóis, convenceu-se de que viria um Rei Encoberto, predestinado a destruir o Império Otomano e a estabelecer a Monarquia Mundial, expressando tais profecias em trovas.²⁶ As trovas do sapateiro difundiram-se no país a partir da década de 1530, apesar de proibidas pela Inquisição já em 1541 e de serem editadas pela primeira vez apenas em 1603, em Paris.²⁷ Circulando oralmente e em cópias manuscritas, causaram alvoroço e foram interpretadas diferentemente conforme a conjuntura e os grupos culturais em questão.²⁸ Bandarra, então, “[...] andou tanto nas bocas de grandes e pequenos”, sendo

²² Cf. HERMANN, Jacqueline. **No Reino do Desejado**: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII). São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 39.

²³ Cf. ROMEIRO, Adriana. **Um visionário na corte de D. João V**: revolta e milenarismo em Minas Gerais. Campinas: 1996. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, 1996, f. 163.

²⁴ Cf. CIDADE, Hernâni. **Antônio Vieira**. Lisboa: Editorial Presença, 1985, p. 25; HERMANN, 1998, op. cit., p. 193.

²⁵ Cf. BESSELAAR, José van den. **O sebastianismo**: história sumária. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/ Ministério da Educação e Cultura, 1987, p. 54.

²⁶ Cf. Ibid., p. 49-51.

²⁷ Cf. Ibid., p. 52-53.

²⁸ Cf. Ibid., p. 56 e ROMEIRO, 1996, op. cit., f. 80-81.

canonizado “pelos mesmos que o proibiram”.²⁹ Os cristãos-novos leram-no em sentido judaico, vendo no Rei Encoberto o messias prometido aos povos de Israel; sentidos os mais diversos foram atribuídos por outros grupos às palavras do sapateiro de Trancoso.

Em Portugal difundiu-se também a tradição celta centrada no rei Arthur. Ainda no século XIII, surgiu a *Demanda do Santo Graal*, em que se cristianizavam as lendas que tinham por protagonista o rei cavaleiro, figura que juntava bravura e imortalidade e que teria se refugiado numa ilha Afortunada em que se tinha uma sobrevivência eterna. Em 1567, o novelista e comediógrafo Jorge Ferreira de Vasconcelos, publicou uma releitura da obra supracitada: o *Memorial das proezas da segunda Távola Redonda*, livro no qual narra os feitos do neto do rei Arthur, Sagamor. Essas obras atestam a circulação de lendas do ciclo arturiano em Portugal.³⁰ Com a morte de El-Rei Dom Sebastião em Alcácer Quibir, em 1578 (sem que seu cadáver fosse encontrado e com impostores fazendo-se passar por ele, até mesmo com êxito entre letrados), em meio ao clima de fervor português extremado surgido sob a dominação espanhola, recebendo influências da tradição celta centrada na figura do rei Artur e do messianismo judaico, muitos letrados e populares passaram a identificar o monarca morto ao Encoberto. Surgiu, então, no país uma nova versão milenarista e/ ou messiânica: os sebastianismos.³¹ Populares e letrados sebastianistas, a partir das trovas de Bandarra, de passagens da Sagrada Escritura, da interpretação milagrosa e profética de alguns acontecimentos, da lenda do Milagre de Ourique (Cristo teria aparecido a D. Afonso Henriques, às vésperas da Batalha de Ourique contra os mouros, fundando em pessoa o Reino de Portugal, em 1139), da conjugação de certos astros³² e, até mesmo, da

²⁹ **CARTAS**. Lisboa: Editores J. M. C. Seabra & T. Q. Antunes, 1854-5, tomo 4, p. 117.

³⁰ Tais livros influenciaram as formulações milenaristas de mulheres pertencentes às camadas populares, presas pelo Santo Ofício em meados do século XVII, não parecendo ter a mesma repercussão entre os letrados; sobre isso, veja: HERMANN, Jacqueline. **No Reino do Desejado**: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII). São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 185-186; 275; e SOUZA, Laura de Mello e. **Inferno atlântico**: demonologia e colonização (séculos XV e XVII). São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 117-121.

³¹ HERMANN, 1998, op. cit., p. 181; 186. Optou-se pela classificação milenarista e/ ou messiânico porque nem sempre entre os sebastianistas fica clara a idéia de que o rei-messias instauraria um milênio. Usam-se sebastianismos, no plural, devido à heterogeneidade observada nas formulações sebastianistas, acompanhando às análises de Jacqueline Hermann (Ibid., p. 187.) e Adriana Romeiro (ROMEIRO, Adriana. **Um visionário na corte de D. João V**: revolta e milenarismo em Minas Gerais. Campinas: 1996. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, 1996, f. 80-81.)

³² Os prognósticos sobre o devir assentados na observação do movimento de cometas e astros eram comuns não apenas em Portugal. Bacon não rejeitava inteiramente a astrologia, embora a censurasse e postulasse a necessidade de depurá-la (HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977, p. 4.) No mundo luso-brasileiro, o padre jesuíta morávio

interpretação cabalística³³ dos números que constituíam certas datas, concluíam que os portugueses eram o segundo “povo escolhido” de Deus.³⁴

D João de Castro, nobre de formação jesuítica, quando da disputa travada pelo trono português entre Felipe II, Dona Catarina de Bragança e o Prior do Crato, engrossou as fileiras dos partidários deste último. D. João de Castro teve publicados dois escritos, ao que se sabe: o *Discvrso da uida do sempre bem vindo et apparecido Rey Dom Sebastião*, editado em Paris em 1602, primeiro texto explicitamente messiânico referente a D. Sebastião,³⁵ e *Parapharase et concordância de algumas Prophecias de Bãdarra, çapateiro de Trancoso*, editado em 1603, obra que constitui a primeira edição das *Trovas* do sapateiro Bandarra e que revela a importância que Castro lhes dava, demonstrando a circularidade existente entre eruditos e populares. Manuel Bocarro Francês, cristão-novo, médico formado em Alcalá e Montpellier, publicou em 1634 o poema *Anacephaleosis da monarquia lusitana*, vítima de severa reprovação por parte da censura filipina, em que se procura, dentre outras coisas, demonstrar a partir da astrologia que Portugal haveria de ser a última e mais poderosa monarquia.³⁶ O mais renomado de todos os eruditos milenaristas portugueses, contudo, foi o Padre Antônio Vieira. Para ele, Deus teria eleito a nação e o Estado portugueses, que seriam uma mesma substância. No seu entendimento, nos tempos modernos, Portugal ocupava o lugar que fora perdido por Israel com a crucificação de Cristo; a aliança definitiva entre Deus e a nação portuguesa encontrava-se no já citado milagre de Ourique, em que Cristo selou ao rei Afonso Henriques a promessa de sucessão dinástica, com o que o

Valentim Estancel, ex-mestre de matemática (esfera) no colégio de Santo Antão, com passagem pela América Portuguesa, era useiro da astrologia: nos idos de 1665, num “famoso papel sobre os dois cometas”, cheios “de metáforas e enigmas de nomes gregos”, Estancel inferia que os cometas anunciavam “mudanças dos tempos e das coisas, e todos para bem, e bem de todos” (VIEIRA, Padre Antônio. *Cartas*. Lisboa: Editores J. M. C. Seabra & T. Q. Antunes, 1854-5, tomo 2, p. 36). Na correspondência do padre Antônio Vieira, vê-se recorrentemente a feitura de prognósticos do gênero (Ibid., tom. 3, p. 28; e ROMEIRO, Adriana. **Um visionário na corte de D. João V: revolta e milenarismo em Minas Gerais**. Campinas: 1996. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, 1996, f. 171, 177 e 180); a astrologia, além disso, sempre comparece nas alegorias construídas pelo mesmo nos seus Sermões (CIDADE, Hernâni. **Antônio Vieira**. Lisboa: Editorial Presença, 1985, p. 19).

³³ A cabala envolve uma interpretação mística da Bíblia, que estabelece uma relação entre letras, algarismos e sentido da Escritura.

³⁴ TORRAL, Luís Reis. **Ideologia política e teoria do Estado na restauração**. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1982, p. 302-303. v. 1.

³⁵ Cf. HERMANN, Jacqueline. **No Reino do Desejado: a construção do sebastianismo em Portugal** (séculos XVI e XVII). São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 189-191.

³⁶ Cf. Ibid., p. 199, 204-206 e 209-216.

poder transitou-se diretamente de Deus ao rei.³⁷ Dentro dessa visão mais ampla, Vieira concebia o Encoberto como aquele predestinado que conduziria a história do homem a “um ajuste com a verdade que Deus designa para ela”.³⁸

A identidade do Encoberto foi algo controverso entre os milenaristas portugueses. Ele foi identificado a personagens diferentes, acompanhando as alterações da conjuntura política ou os interesses dos diversos grupos culturais. Para os judeus, tratava-se do Messias prometido aos povos de Israel; havia mesmo quem se auto-proclamasse o próprio Encoberto das trovas do Bandarra ou da tradição bíblica-profética. Os sebastianistas acreditavam que o Encoberto era o rei D. Sebastião, desaparecido em Alcácer-Quibir;³⁹ esta crença foi depois substituída, entre outros milenaristas, pela idéia de que haveria o regresso de um rei – geralmente identificado em termos vagos como “o Encoberto” – que salvaria Portugal, tornando-lhe a conceder-lhe a independência e a dignidade. O padre Antônio Vieira entrou nessa controvérsia sobre o Encoberto quando ainda estava no Brasil e, no transcorrer dos anos, veio a formular várias hipóteses sobre sua identidade. Um mês após a Restauração, num sermão pronunciado em louvor a Felipe IV, tratava como quimera o regresso de Dom Sebastião; anos antes, em 1634, no “Sermão de S. Sebastião”, rebatera esta mesma proposição.⁴⁰ Depois, anteviu o Encoberto em mais de um príncipe lusitano: veio a identificá-lo sucessivamente em D. João IV, D. Afonso VI, D. Pedro II e D. Teodósio.⁴¹ As diferentes hipóteses que Vieira formulou a respeito da identidade do Encoberto embasaram-se no modo pelo qual ele construía suas interpretações da história, o que, por sua vez, esteve ligado estreitamente à sua hermenêutica bíblica. Segundo Vieira, o Encoberto não seria Cristo, mas um Vice-Cristo.⁴² Seu reino duraria 1000 anos, durante os quais desapareceriam o pecado e as guerras. Encerrado o milênio, apareceria o

³⁷ Cf. *Ibid.*, p. 218, 224 e 238-239.

³⁸ HERMANN, Jacqueline. **No Reino do Desejado**: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII). São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 249.

³⁹ Cf. ROMEIRO, Adriana. **Um visionário na corte de D. João V**: revolta e milenarismo em Minas Gerais. Campinas: 1996. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, 1996, f. 81.

⁴⁰ Cf. AZEVEDO, J. Lúcio de. **História de Antônio Vieira**. 2. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1931, p. 54. v. 1; e SARAIVA, Antônio J. Padre Antônio Vieira. **DICIONÁRIO da História de Portugal**. Porto: Inic. Edit., 1970, p. 301. v. 6.

⁴¹ Cf. HANSEN, João Adolfo. Prefácio. In: PÉCORA, Alcir. **Teatro do Sacramento**: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira. São Paulo: Edusp: Campinas: UNICAMP, 1994, p. 29.

⁴² Cf. PÉCORA, Alcir. **Teatro do Sacramento**: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira. São Paulo: Edusp: Campinas: UNICAMP, 1994, p. 234.

Anticristo, haveria uma Batalha Final, e depois, ocorreria o Dia do Juízo.⁴³ O Quinto Império teria sido profetizado por Daniel e Ezequiel, sucedendo ao Quarto, o Império romano, então sobrevivente com a Casa de Áustria. Possuiria um caráter simultaneamente temporal e espiritual e, diferentemente dos impérios que o precederam, gozaria de uma maior graça divina. Nele, haveria o encontro e a incorporação das Doze Tribos perdidas de Israel, assim como de todos os hereges, judeus e pagãos,⁴⁴ os quais seriam convertidos graças ao poder espiritual do Pontífice, à Primeira Pessoa da Trindade, à Virgem Maria, à virtude dos Pregadores, ao Espírito Santo e, ainda, ao uso da força pelo Imperador.⁴⁵ Esta temporalidade do Quinto Império tinha evidente proximidade com o que advogavam os judeus – e o próprio Vieira o admitia, pois afirmava tê-la aceito em conversa com o rabino Manassés Ben Israel, com quem ele se encontrara em Amsterdã⁴⁶ – e mereceu o pronto repúdio da Inquisição, quando a mesma processou o famoso orador.

As idéias messiânico-milenaristas alcançaram a América espanhola nos princípios da colonização, misturando-se aos *topoi* edênicos projetados nas visões construídas sobre o Novo Mundo e suas gentes: os primeiros frades franciscanos que desembarcaram no México, em 1524, eram tributários de concepções escatológicas, misturando fórmulas joaquimitas (a crença numa “última idade do mundo”, em que haveria paz, reconciliação e conversão geral ao cristianismo, precedendo isto tudo ao fim da história; e a conversão à pobreza, que assinalaria a passagem aos tempos escatológicos).⁴⁷ No Peru, o dominicano Francisco de La Cruz, queimado pela Inquisição em 1578, defendia proposições que transpiram influências de várias correntes milenaristas: dividia a história em três períodos, nos moldes de Joaquim de Fiore; esperava a vinda de um rei salvador e de um papa angélico, como se postulava nas sibilas; na esteira dos franciscanos, entendia que os turcos destruiriam Roma e a cristandade européia, que a Igreja seria transportada para Lima e, por fim, certamente sob a influência do “encubiertoismo”, dizia que ele próprio seria ao mesmo tempo papa e Rei do Novo Mundo, qualificando-se a si mesmo como o terceiro Davi, cujo antecessor

⁴³ Cf. *Ibid.*, p. 236-237 e 257.

⁴⁴ Cf. CIDADE, Hernâni. **Antônio Vieira**. Lisboa: Editorial Presença, 1985, p. 79.

⁴⁵ Cf. *Ibid.*, p. 84.

⁴⁶ Cf. *Ibid.*, p. 80.

⁴⁷ Cf. *Ibid.*, p. 201-205.

teria sido Jesus Cristo.⁴⁸ No século XVII, também no Peru, viveu outro seguidor de idéias milenaristas: o franciscano Gonzalo Tenorio. Este, guiando-se pelo esquema joaquimista das três idades, achava que a descoberta da América não anunciava o fim dos tempos, mas, pelo contrário, assinalava a implantação da monarquia cristã, sendo as Índias o ponto de partida para a expansão do reinado universal de Cristo, para a derrota do Anti-Cristo e início, enfim, do período escatológico. Caberia à monarquia espanhola unir os príncipes cristãos, levar o Evangelho a todas as partes do mundo e firmar o dogma da Imaculada Conceição; o “encubierto” descenderia dos reis de Espanha, mas poderia vir da América; o Papa teria que deixar Roma, refugiando-se no Peru. Todos esses milenaristas da América, enfim, mostram que havia uma tendência a enaltecer a América em detrimento da Europa.⁴⁹

O português Pedro Rates Henequim (1680-1744), à semelhança do proposto por milenaristas na América espanhola, atribuía ao Novo Mundo um papel central na edificação do milênio. Filho bastardo de um cônsul holandês calvinista e de uma humilde católica portuguesa, depois de órfão ficou sob a tutela de um dominicano e veio a estudar em Colégio da Companhia de Jesus. Viveu nas Minas Gerais nas duas primeiras décadas do século XVIII: em Sabará (no período de 1714-1715), no Serro Frio, em Vila Rica, no Ribeirão do Carmo (Mariana), tendo se tornado escrivão *ad hoc* da Superintendência do Rio das Velhas, entre 1709 e 1710, sob as ordens de José Correia de Miranda, seu antigo colega de infância, executando diligências de prisão e confisco de ouro e de mercadorias entradas ilicitamente na Capitania.⁵⁰ Henequim fez-se passar por frei Simão de Santa Tereza, carmelita baiano residente em Minas desde 1706, para escapar da imposição de casamento e conseguiu sustentar a impostura por um tempo, tendo enganado até mesmo o prior do convento do Carmo.⁵¹ Em 1722, regressou a Portugal. Sentia-se perseguido e injustiçado por não ter sido devidamente premiado pelas riquezas que desenterrara dos sertões da América. Em 1741, foi preso pela Inquisição de Lisboa e, em 1744, por ela condenado e queimado como herege.

Ele acreditava que o “Paráiso Terreal, em que Adão foi creado, está na América debaixo da Linha Equinocial e perpendicular ao lugar em q’ Deos tem o Seu Trono no Ceo”, vendo como prova disto o fato de “nesta nova terra se achar tudo o

⁴⁸ Cf. *Ibid.*, p. 211-213.

⁴⁹ Cf. CIDADE, Hernâni. **Antônio Vieira**. Lisboa: Editorial Presença, 1985, p. 214-215.

⁵⁰ Cf. *Ibid.*, p. 212-213 e p. 220-222.

⁵¹ Cf. *Ibid.*, p. 218.

que a Scriptura diz dele’, como ‘frutas, rios e delícias’”.⁵² Para ele, a América seria o centro do Quinto Império do Mundo, a ser levantado sob a liderança dos portugueses e que promoveria a reunião das Dez Tribos de Israel, desterradas da Babilônia. Em seus devaneios, usava a cabala judaica (o próprio mundo lhe parecia uma “rede de letras e algarismos, plenos de mistérios e enigmas a decifrar”⁵³), inspirava-se em escritos do Padre Antônio Vieira e no universo mitológico tupi (transformou, por exemplo, o herói Sumé, associado então por muitos a São Tomé, em Adão e dizia que este último e Eva se refugiaram no interior da Árvore da Ciência, que seria a bananeira). Lidando com elementos de origens culturais tão distintas, como diz Adriana Romeiro, “[...] cruzava e conectava estes elementos, abeberando-se aqui e ali de conceitos múltiplos, retorcendo-os tal qual um *bricoleur*, descobrindo e inventando significações absolutamente novas”.⁵⁴ Em seus sonhos milenaristas, substituiu a redenção de Portugal pela redenção dos portugueses que viviam no Brasil.⁵⁵

Negociou com o governo espanhol um domínio sobre Minas, em 1740, tendo se apresentado a um ministro castelhano como o primeiro descobridor das minas de ouro e diamantes do Serro do Frio.⁵⁶ Fracassada a iniciativa, tentou convencer o infante D. Manuel, irmão de D. João V, a liderar o movimento. Fosse sob o cetro do Infante, fosse sob a Coroa de Castela, na América sonhada por Henequim, “[...] os súditos deveriam receber a justa paga pelos seus serviços”.⁵⁷ Seu propósito de levar o infante D. Manuel à coroação em Minas mostra, enfim, que se voltava contra o poder de D. João V e que queria subtrair do domínio deste suas possessões na América.⁵⁸ Segundo Adriana Romeiro, além da difusão de crenças milenaristas em Minas, a trajetória e as proposições de Henequim, somadas a manifestações, por exemplo, como a Guerra dos Emboabas e a Revolta de Vila Rica de 1720, seriam evidências de que havia na América portuguesa uma cultura política local, que consagrava a contestação política e colonial,

⁵² Pedro Rates Henequim apud GOMES, Plínio Freire. **Um herege vai ao Paraíso**: cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1640-1744). São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 111.

⁵³ ROMEIRO, Adriana. **Um visionário na corte de D. João V**: revolta e milenarismo em Minas Gerais. Campinas: 1996. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, 1996, f. 130. Para Henequim, era possível encontrar no alfabeto todos os argumentos do credo. Para Vieira, jamais. Porém, o glorioso padre aproximava-se de Henequim, pois cria que, nas Escrituras Sagradas, não havia “palavra, nem sílaba, nem ainda uma só letra, que seja supérflua, ou careça de mistério” (Ibid., p. 82); valorizava, ademais, os algarismos dos textos proféticos na atividade de interpretação (Ibid.)

⁵⁴ Ibid., f. 129.

⁵⁵ Cf. Ibid., f. 88.

⁵⁶ Cf. Ibid., f. 221.

⁵⁷ Ibid., f. 241.

⁵⁸ Cf. Ibid., f. 267-268.

assentando-se na compreensão de que a terra tinha riquezas infindas e, ao mesmo tempo, que reinava a injustiça, não havendo prêmios aos que os mereciam. Em 1732, Antônio Rodrigues da Costa, membro do conselho ultramarino, com efeito, apresentou a tese de que “a prosperidade material da Colônia constituía um fator suficientemente capaz de subverter drasticamente o jogo de forças com a Metrópole”, pois poderia levar “ao sentimento de que era a Colônia a verdadeira herdeira daqueles tesouros, a única eleita para triunfar sobre as demais nações”.⁵⁹

Toda essa exposição sobre os milenarismos e messianismos cristãos permite construir algumas hipóteses. Primeiramente, e o que é bastante óbvio, Antônio da Silva estava claramente vinculado à história dos milenarismos e messianismos, mais especificamente às suas manifestações em Portugal: a atribuição aos portugueses de um papel central no Quinto Império (ou de um Reino, como dizia o eremita) remete aos milenaristas e messiânicos em ação no Reino desde o século XVI, passando pelo padre Antônio Vieira e chegando até Pedro Henequim. O propósito de libertação da Terra Santa aos mouros é claramente uma tópica milenarista: o sapateiro Bandarra defendia a luta contra o Império Otomano e o padre Antônio Vieira cria na união dada pela conversão de todos ao cristianismo, inclusive sob o uso da força. A violência, inerente ao propósito de Antônio da Silva de liderar uma sedição de desvalidos – no caso, escravos, forros, índios, pardos e negros –, somada à promessa de um reino messiânico e o ataque às riquezas do clero ligavam esse suposto filho de D. João V, ademais, à história do milenarismo e do messianismo na Europa e muito longinquamente até mesmo ao joaquimismo (mas não às idéias de Joaquim Fiore), defensor da apropriação das riquezas alheias pelos “espirituais” (afinal, a libertação dos cativos proposta por Antônio afetava a riqueza dos senhores) e da crença num reino messiânico.

A conexão entre sedição (ou do espectro dela) e milênio, de resto, fez-se presente em várias manifestações milenaristas e messiânicas na Europa. Se Antônio fazia menções às “traições” ao povo, certamente relacionadas ao comportamento das autoridades, estas também foram objeto de críticas de Bandarra. Isso também converge com a perspectiva que orientou a ação e as idéias de Henequim: da constatação de injustiças, da falta de prêmios ao trabalho que desenvolvera em Minas, o último tirou seu anseio sedicioso. A centralidade dada à América no projeto milenarista-messiânico

⁵⁹ ROMEIRO, Adriana. **Um visionário na corte de D. João V: revolta e milenarismo em Minas Gerais**. Campinas: 1996. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, 1996, f. 194-195.

de Antônio, além disso, ligava-o às manifestações de mesmo cunho ocorridas na América espanhola e, mais uma vez, a Pedro Henequim. Essas hipóteses, baseadas na análise do Bando afixado por Antônio da Silva-João Lourenço na Vila do Príncipe, no início de novembro de 1744, e no resumo da história dos milenarismos e messianismos cristãos que acabo de apresentar, serão examinadas a partir de outras partes do Sumário contra o eremita feito pela Inquisição de Lisboa.

Proposições, estratégias e parceiros do Encoberto da Vila do Príncipe

Na passagem de 1744 para 1745, o vigário da Vara da Vila do Príncipe, exorbitando de suas funções, colheu depoimentos sobre o caso antes mesmo de denunciá-lo à Inquisição.⁶⁰ Depois de 20 de setembro de 1746, fez novas inquirições, tendo recibo ordem para tanto do Santo Ofício.⁶¹ O movimento por ele liderado foi classificado pelos seus contemporâneos como “levante”, “sedição”, “reforma”⁶² e “revolução”.⁶³

Dos depoimentos colhidos pelo vigário da vara, primeiramente, percebe-se que Antônio-João era tido como um homem lido, havendo mesmo quem o tomasse por clérigo⁶⁴ e o caracterizasse como alguém que “faz[ia] letras de diversas qualidades”.⁶⁵ Para parte dos depoentes, era notória sua condição de natural de Lisboa, pois ele “[...] dava notícias miudam^{te}. da mesma Cid^e. dos bayros e de m^{tas}. pessoas” que lá habitavam, embora ele se declarasse natural de Santo Antônio de Tugal e apenas criado em Lisboa.⁶⁶ Alguns depoentes o viam como contraditório;⁶⁷ outros, como doido e,

⁶⁰ Cf. IANTT. **Inquisição de Lisboa**, Maço 58, p. 273, v-287.

⁶¹ Cf. *Ibid.*, p. 294, v-329.

⁶² Segundo Antônio Pires Carneiro, homem branco, casado na freguesia e comarca, natural do arcebispado de Braga, morador no Recôncavo da Vila do Príncipe, que vivia de sua roça, com cerca de 36 anos, tratava-se de uma “Reforma” (*Ibid.*, p. 284-284v). O mesmo disse Antônio Pires Carneiro, segundo o qual ouvira o delato dizer que “havia de haver huã Reforma ou Recurso” (*Ibidem*, p. 323v).

⁶³ Sebastião Lopes Alfonso, homem branco, solteiro, natural da comarca de Xavier, arcebispado de Braga, morador na Vila do Príncipe, “que vive de sua agencia”, com cerca de 31 anos, assim o dizia (*Ibid.*, p. 285v.)

⁶⁴ Manoel Pinto, homem branco, viúvo, natural da Cidade e Patriarcado de Lisboa, que vivia do seu ofício de sapateiro e carcereiro da Cadeia da Vila do Príncipe, cerca de 48 anos, disse que “conversa com quietação, e discurso mostrando que he Lido em forma que elle testemunha [sic] lhe parece que elle não he secular” (*Ibid.*, p. 303.)

⁶⁵ *Ibid.*, p. 274.

⁶⁶ Cf. *Ibid.*, p. 303.

⁶⁷ Segundo João Gonçalves, solteiro, natural da freguesia do Bispado de Lamego, morador na Vila do Príncipe, que vivia do ofício de ferreiro, 40 anos de idade aproximadamente, “de hum dia para outro [o denunciado] se desdizia do que tinha ditto e obrado”. (*Ibid.*, p. 274).

mesmo, como se faria mais tarde com Tiradentes, como “demônio”;⁶⁸ sem contar aqueles que o classificavam mais como velhaco⁶⁹ ou que, inversamente, o viam como alguém “de juízo”,⁷⁰ ou ex-estudante.⁷¹ Se ele se apresentava como filho legítimo do soberano português e da rainha, para Mariana de Assunção, a escrava forra que o acompanhou em suas ações e idéias, ele seria filho natural de D. João V, o que parece ser corroborado por imprecações de Antônio contra sua mãe, que o teria feito com um rei e não com um homem qualquer, do que se deduz que ela não seria a Rainha.⁷²

Antônio-João, além disso, agia como mendicante, pedindo esmolas e fazendo vias sacras para as quais convidava gente de diferentes estados (“fazendo suas vias sacras a que convidava pessoas de diversos estados”);⁷³ na Igreja, conversava com Nossa Senhora da Purificação; ensinava rapazes a ler. Ao mesmo tempo, ele mostrava em suas falas leituras muito particulares e, portanto, heréticas da religião católica. Por um lado, fazia interrogações que traziam um lamento ou dúvida a respeito da presciência divina (“= por que razam Deos Senhor nosso sendo poderoso nos havia de deichar cahir”) e, por outro, defendia o concubinato com uma mulher só (“hum homem ainda que estivesse toda a sua vida amancebado com huá mulher não cometia tão grande peccado como andando coabitando com muitas mulheres”)⁷⁴ e condenava a mancebia com várias mulheres (“tratar illicitamente com muitas mulheres era peccado”).⁷⁵ Lamentou, por várias vezes, sua condição; maldisse e blasfemou “contra a may que o pario, dizendo que malditta fosse pelo fazer com hum Rey, e não com hum homem ordinário”.⁷⁶ Convidou a escrava Mariana para “pecar carnalmente”, alertando-a “que

⁶⁸ João Batista Santarém, homem branco, solteiro, natural da freguesia de S. Maria da Vila de Santarém, patriarcado de Lisboa, morador nos arrabaldes da Vila do Príncipe, que vivia de sua roça, 48 anos, mais ou menos, achava que ele era louco ou tinha o demônio no corpo (Ibid., p. 325v.)

⁶⁹ Francisco José Coutinho, solteiro, natural do Bispado do Porto, morador em Vila do Príncipe, que vivia do ofício de escrivão da Câmara e Almotaçaria e Tabelião, com cerca de 38 anos, dizia que o denunciado “tem mais de velhaco do que de louco”. (IANTT. **Inquisição de Lisboa**, Maço 58, p. 275v). Sebastião Lopes Afonso, homem branco, solteiro, natural da freguesia de Santo André de Fiães do Rio, arcebispado de Braga, compartilhava da mesma avaliação (Ibid., p. 311.)

⁷⁰ O mesmo Francisco José Coutinho, homem branco, solteiro, natural do Bispado do Porto, morador na Vila do Príncipe, que vivia do ofício de escrivão da Câmara, 39-40 anos, já citado, num segundo depoimento, afirmou que: “Em todas as vezes que se comunicou com ele, teve a impressão de que era homem de juízo”. (Ibid., p. 308-308v).

⁷¹ O guarda-mor Antônio Camello Alcoforado, homem branco, solteiro, natural da Cidade e Bispado do Porto, morador na Vila do Príncipe, de 41 anos: se “persuade que elle fora estudante”. (Ibid., p. 323v).

⁷² Ibid., p. 276v.

⁷³ Ibid., p. 274v.

⁷⁴ Ibid., p. 273v-274; 274v-275; p. 284-284v.

⁷⁵ Ibid., p. 275.

⁷⁶ Ibid., p. 278.

isso senão confessava”, o que sugere que era um autêntico velhaco.⁷⁷ Outras idéias e práticas pouco ortodoxas, agora de caráter estritamente religioso, defendidas ou realizadas por Antônio-João, foram:

- a) “quando hia na via sacra não ajoelhava direyto para a crus”;⁷⁸
- b) dizer que Deus fazia zombarias com os fiéis, pregando-lhe peças, não se devendo ter medo dele quando assim fizesse;⁷⁹
- c) voltar-se contra o livre-arbítrio, tomando-o como um erro de Deus;⁸⁰
- d) falar contra a existência do inferno, dizendo “que não havia inferno, e que as pessoas, quando morrião tornavãose a geral nas mulheres, para tornar a nascer”;⁸¹
- e) dar confissão, sem ter ordens para tanto;⁸²
- f) dizer ter um livro que o liberava de assistir à missa;⁸³
- g) quando se viu apertado pela possibilidade de ter os negros contra si, diante de um iminente fracasso da sedição, voltou-se contra Deus e a natureza divina de Cristo, dizendo que “Deos não era Deos, e que senão podia adorar que Christo senhor nosso não era verdadeyro Deos, que quem era só verdadeyro Deos, era só o Deos Padre que este formara o mundo e criara ao Anjo Lusbel, e mandara a este formasse aos maiz Anjos, e os formara com hum sopro digo soupro [sic] entre os quaiz formara a Christo”, não advindo de uma ação do Espírito Santo, que “não hera homem para empenhar mulheres, e que se Christo tivesse corpo verdadeyro não era possivel poder entrar por qualquer boraquinho a fallar com a gente”;⁸⁴

⁷⁷ Ibid., p. 327v.

⁷⁸ IANTT. **Inquisição de Lisboa**, Maço 58, p. 275v.

⁷⁹ Isso foi dito a Mariana, a escrava, conforme ela declarou: “que quando Deos lhe falasse não tivesse medo porquanto Deos depois que tinha perdoado as criaturas era muito amigo de zombar com ella se fazerlhes pessas”. (Ibid., p. 276v.)

⁸⁰ Segundo depôs Antônio Botelho Manso, homem branco, solteiro, natural do Bispado da Guarda, morador na Vila do Príncipe, que vivia do ofício de sapateiro, com cerca de 40 anos, o denunciado “se irritava contra Deos por nos deixar o nosso livre arbitrio na materia de peccados, e que nisso não tinha Deos obrado bem”. (Ibid., p. 281v-282).

⁸¹ Ibid., p. 327v.

⁸² O denunciado, segundo o supracitado denunciante Antônio Botelho, “sentado em huns paos na Rua direyta que vay da Igreja Matriz para o Arrayal debacho com huá negra como posta aos seus pez de joelhos, a qual tambem elle testemunha vira na mesma postura, indo o ditto passando comprehendera dizer o ditto denunciado estas palavras = foy por pensamento por palavra ou por obra = no que lhe pareceo que o ditto denunciado estar confessando a tal negra, o que sabe elle testemunha por assim o ouvir dizer ao ditto Luiz Coelho”. (Ibid., p. 282).

⁸³ Ibid., p. 283.

⁸⁴ Ibid., p. 278.

h) bater-se contra os clérigos missionários, dizendo “que os Reverendos Micionarios que andavão nestas Minas são magicos que andavão vendo os bens desta terra para os entregar aos estrangeiros”.⁸⁵

Vêm-se, portanto, idéias e práticas heterodoxas, que entrecruzavam o religioso e propósitos sediciosos. Por meio de vias sacras e romarias, Antônio-João Lourenço conseguiu aproximar-se de escravos, propondo-lhes a realização de uma rebelião contra os brancos senhores, usando como pontas de lança, para essa aproximação, as escravas Clara e Mariana.⁸⁶ Segundo Alexandre Correa, preto crioulo da Cidade da Bahia, escravo de João Cardoso da Silva, Antônio entrou na Vila do Príncipe,

[...] fazendo seus exercicios de vias sacras e Ladainhas, e passos varios tempos, estando elle testemunha na Logea de seu senhor hum sabbado de tarde trabalhando no seu officio de alfayate ahi chegou huã negra por nome Clara escrava de Antonio Ferreyra da Sylva por alcunha oxambada, e dicera a elle testemunha que tinha hum negocio com elle se podia chegar a sua caza, e respondendo elle testemunha que sim com effeyto veyo, e em caza lhe disse a mesma negra se podia chegar com ella a a [sic] rossa de Manoel Lobo Pereyra nos alrebaldes [sic] desta Villa, e indo elle testemunha com a ditta negra no caminho encontrarão ao denunciado junto com hum negro por nome Thome escravo de Antonio Francisco, e outro negro por nome Pedro escravo de Domingos da Rocha Gomes e outro escravo de Manoel Nunes [...].⁸⁷

Todos, então, foram “athe a sobreditta Rossa aonde só estava huã negra da mesma rossa por nome Marianna”, tendo o denunciado mandado os presentes se sentarem e começado a falar sobre a sedição.⁸⁸

Contudo, Antônio não se limitou aos escravos, estabelecendo contatos com homens livres brancos: os mecânicos (Antônio Botelho Manso, sapateiro e João Gonçalves, ferreiro⁸⁹), donos de roças e/ou mineradores (Manoel Mendes Raso, Antônio Pires Carneiro e João Batista Santarém⁹⁰), letrados (os padres Manoel da Rocha de Azevedo, Francisco Gonçalves e José dos Santos⁹¹) e mais outras pessoas. Isso se

⁸⁵ Ibid., p. 325v.

⁸⁶ Cf. IANTT. **Inquisição de Lisboa**, Maço 58, p. 271-271v.

⁸⁷ Ibid., p. 271-271v.

⁸⁸ Ibid, p. 271-271v.

⁸⁹ Ibid., p. 281v e 273v-274, respectivamente.

⁹⁰ Ibid., p. 282v, 284-284v e 325v.

⁹¹ Ibid., p. 329v e 283v.

depreende, por exemplo, do depoimento dado por Manoel Mendes Raso, branco, solteiro, natural da freguesia de Santa Maria de Macieira, da Câmara e Bispado de Coimbra, morador nos arrabaldes da Vila do Príncipe, que vivia de minerar ouro, segundo o qual o eremita lhe dissera que o:

Padre Francisco Gonçalves que tinha licença para Ler os exorcismos algum tempo esteve o denunciado com o ditto Padre, mas não sabe elle testemunha o que passaram, outro sim disse elle testemunha ouvira dizer a pessoas de cujos nomes senão lembra, que hum Luiz Coelho official de Sapateyro morador nesta Villa dicera vira em certa occazião ao denumciado confessando a huã negra, como tambem alguas vezes o vio elle testemunha ao mesmo denunciado dizer que no sitio delle mesmo testemunha era o campo de Jozaphaa e que todos os brancos e negros sedo havião de ser tods huns, e que não havia de haver captivos, e a depois que o ditto denumciado veyo para esta villa quiz fazer hum levante de negros contra os brancos, o que sabe elle testemunha pelo ouvir dizer publica e gerarmente [sic] a pessoas de cujos nomes se não lembra, e que tambem se fazia Principe e ao mesmo denumciado ouvio elle testemunha dizer varias vezes, que supposto tinha muitos inimigos que ninguem o conhecia, porem que em fazendo a barba logo o haviam de conhecer [...].⁹²

Os depoimentos colhidos pelo vigário geral trazem inúmeras informações que atestam a validade de algumas hipóteses levantadas a partir da análise do Bando citado no início deste artigo, ao mesmo tempo em que conduzem a outras. Antônio-João Lourenço, ao fazer a defesa de um levante da Vila do Príncipe, disse que isso lhe pertenceria, conforme o Padre Eterno, assim como a Restauração da “Casa Santa”.⁹³ Antônio recorreu a um negro forro, com fama de adivinhador, que morava na roça, para saber se El-Rei D. João V era morto ou vivo, ouvindo que não o sabia. Disso Antônio teria concluído que “[...] era Principe e que havia sahir desta Terra com Coroa, e que isso mesmo significavão huas Estrellas, que apparecião na madrugada com rabos e brassos”,⁹⁴ associando o movimento dos astros e fatos político-religiosos, tal como fizeram o padre Antônio Vieira e outros milenaristas-messiânicos. Em sua auto-representação como príncipe, filho de D. João V, além de assemelhar-se aos impostores que na Europa se fizeram passar por D. Sebastião, caracterizou-se de uma forma curiosa (e, para nossos olhos do século XXI, bizarra): disse que possuía dois dentes como seus pais, os quais teriam sido limados para que não fosse percebida sua condição de infante,

⁹² IANTT. **Inquisição de Lisboa**, Maço 58, p. 283v-4.

⁹³ Isso foi o que ouviu Francisco José Coutinho, solteiro, natural do Bispado do Porto, morador na Vila do Príncipe, que vivia do ofício de escrivão da Câmara e Almotaçaria e Tabelião, de cerca de 38 anos, “em huã conversa que teve com huã Marianna preta captiva de Manoel Lobo Pereyra”. (Ibid., p. 275).

⁹⁴ Ibid., p. 276.

acrescentando que era perseguido por D. José.⁹⁵ Deus e os anjos, além disso, teriam lhe segredado a proposta de realização de um levante de negros contra os brancos.⁹⁶

O conteúdo anti-escravista do projeto de Antônio, já detectado no Bando por ele afixado, ademais, confirma-se nos depoimentos colhidos, alguns deles já citados. Ele afirmava que estava na Vila do Príncipe para tirar os escravos de seus senhores, para restaurar a “Casa Santa”, sendo mandado para tanto por Deus e por El-Rei e tinha para isso um papel, que iria afixar na Igreja: “era hum Principe que vinha a esta terra mandado pelo Padre Eterno por elRey seu Pay, a Restaurar os pretos e mulatos dos captiveiros e tirallos do poder de seus senhores para hir com elles Restaurar a Caza Sancta”.⁹⁷ Os depoimentos são esclarecedores também a respeito das relações entre Minas e Portugal, pois ele defendia claramente a separação de ambos, com a liberdade dos escravos, afirmando que: “havia de haver hum Rey em Portugal, e outro nas Minas e que todos os escravos haviam de ficar Livres”.⁹⁸ Outra idéia que filia Antônio claramente ao milenarismo é aquela segundo a qual o sítio de Manel Raso (branco, solteiro, natural da freguesia de Santa Maria de Macieira, da Câmara e Bispado de Coimbra, morador nos arrabaldes da Vila do Príncipe, que vivia de minerar ouro) “era o campo de Jozaphaa e que todos os brancos e negros sedo havião de ser todos huns, e que não havia de haver captivos”.⁹⁹ tem-se aqui mais uma manifestação da unidade entre os homens a ser promovida pelo Encoberto. Ao mesmo tempo, Antônio parecia querer antecipar-se aos acontecimentos, buscando legitimar possíveis malogros futuros. Ele entendia que a ação redentora de Cristo tinha sido algo que, contraditoriamente, colocara o homem na perdição, uma vez que ele era “filho da Galiléia” e que, ainda, certas práticas deixadas por Jesus (“penitencias, oraçoes, jejunz, e disciplinas”)

⁹⁵ Segundo Mariana, a escrava, ele falava “que era Principe filho natural do nosso Rey, e que quando nascera lhe foram sahindo os dentes como tinha dous grandes como seu Pay, e sua May lhos mandara Limar para não ser conhecido por elles, e que seu Pay queria jurar por Principe, porem que o Principe Dom Joseph e seus inimigos o querião matar, por cuja cauza se absentara disfarsado havia quatro annos mandado por Deos e seus Anjos”. (Ibid., p. 276v.)

⁹⁶ Conforme o depoimento de Mariana, ela lhe teria perguntado: “que istoria era aquela e se lhe metia na cabessa que com aquelles negros podia levantarse contra os brancos = ao que respondera o denunciado que erão segredos de Deos, e que Deos e os seus Anjos o tinhão mandado, não sabia se para padecer trabalhos e se para que, ao que ella testemunha dicera que tudo erão segredos de Deos: porem que viesse não fossem alguns”. (Ibid., p. 277v.)

⁹⁷ Isso foi dito pelo depoente Alexandre Correa, preto crioulo da Cidade da Bahia, escravo de João Cardoso da Silva, oficial de alfaiate e morador na Vila do Príncipe, de cerca de 31 anos de idade (IANTT. **Inquisição de Lisboa**, Maço 58, p. 271v).

⁹⁸ Ibid., p. 283.

⁹⁹ Ibid., p. 283v. O mesmo também declarou Antônio Pires Carneiro, homem branco, casado, natural do arcebispado de Braga, morador no Recôncavo da Vila do Príncipe, que vivia de sua roça, com cerca de 36 anos. (Ibid., p. 284-284v).

advinham do fato dele ser nosso “inimigo”.¹⁰⁰ Na verdade, o que o eremita atribuía a Cristo era o que ele próprio estava a fazer com os escravos: Cristo na Galiléia, e ele em Minas Gerais, sobretudo no que se refere à perdição dos homens, parecendo sua fala ser uma forma de auto-justificação.

As escravas Mariana e Clara, assim como o citado negro adivinhador, não foram meros fantoches manipulados por Antônio da Silva. De fato, foram coadjuvantes, mas *atuaram*, participando dos devaneios, demonstrando, assim, que as propostas sediciosas e milenarista-messiânicas tinham acolhida em Minas, encontrando aí um solo fértil para se desenvolver. Enquanto Antônio buscava saber na vila, saindo da roça de Mendes Raso em que se encontrava abrigado, se chegara alguma notícia do Reino, o adivinhador já dizia “= que estava fazendo [o] que ja era tempo”, sem esclarecer que tempo era esse e que o soubera por “um menino”.¹⁰¹ Clara, escrava de Antonio Ferreyra da Sylva, oficial de celeiro, por duas vezes dissera a Mariana “[...] que estando de noites rezando em sua caza lhe apparecera a Senhora Sancta Anna, e lhe dicera pelas ditas duas vezes = devota minha diz aquelle Irmão das barbas que he o que esta fazendo que espera que ha he tempo [sic]”.¹⁰² Mariana também concorreu para o ensaio de revolta, pois dizia que o Menino Jesus e Sant’Ana lhe falaram sobre um levante da Vila do Príncipe, que este pertenceria a Antônio-João Lourenço.¹⁰³ A julgar-se verdadeira a informação de Mariana, havia negros mobilizados em armas para realizar um levante, sob a liderança do mendicante, sendo perceptível que o movimento cruzava uma luta contra os brancos com idéias milenaristas-messiânicas, falando-se em Restauração da Casa Santa, assim como em se “descobrir as profecias encobertas”; nos termos da própria depoente:

[...] encontrou no morro da forza dez ou honze negros com algumas armas, e preguntandolhe ella testemunha que ajuntamento era aquelle lhe Responderão = pos vossê não sabe o que há – e dizendolhe ella

¹⁰⁰ Declarou Alexandre Correa, preto crioulo, que o delatado falou “que todos os trabalhos de penitencias, oraçoes, jejunz, e disciplinas nos tinha deichado Christo crucificado porque era nosso inimigo, que era filho de Galilea, e que tinha botado todaquelle [sic] gente de Galilea a perder”. (Ibid., p. 280).

¹⁰¹ Segundo Mariana, “lhe disse que hum negro captivo de hum Antonio Francisco morador nesta villa lhe dicera, que vindo em huã occazião da via sacra lhe apparecera hum menino, e lhe dicera dicesse aquelle seu Camarada das vias sacras o pobre das barbas = que estava fazendo que ja era tempo =” (IANTT. **Inquisição de Lisboa**, Maço 58, p. 277.)

¹⁰² Ibid.

¹⁰³ Mariana dissera a Francisco Coutinho que “tinha suas praticas com o Padre Eterno e que este lhe dicera se levantesse com a villa porque lhe pertencia, e que dahi alguns tempos a ditta negra lhe dicera que tambem o Padre Eterno, o Menino Jezus e Sancta Anna lhe tinhão fallado, dizendo que era tempo para hir a Restauraçam da Caza Sancta”. (Ibid.)

que não lhe dicerão dos dittos Negros, que o pobre das barbas que estava na villa era filho do nosso Rey, e que vinha mandado por Deos a esta terra para se Levantar com os pretos contra os brancos, e ficarem forros os dittos pretos, e irem pela gentilidade pregando e levantando Igrejas Restaurar a Caza Sancta e descobrir as prophecias que estavam incubertas.¹⁰⁴

Mariana, ademais, advertiu o denunciado de que “[...] os negros dizem se havião de voltarem contra o mesmo denunciado se não tivesse effeyto o que lhe tinha promettido, ao que o denunciado respondera que elles não sabia [sic] se elle queria fazer Levante verdadeyro, ou falso, por serem segredos de Deos”.¹⁰⁵ Alexandre Correa, preto escravo crioulo, recusou-se a arrebanhar amigos para participar do levante.¹⁰⁶ Mariana, segundo Sebastião Lopes Alfonso, tinha visões quando estava em oração com o denunciado e, ao ouvir do mesmo que ele era príncipe e perseguido, deparou-se com a figura de um menino, que segundo o denunciado era o Menino Jesus. Ela, então, perguntou ao Menino santo:

[...] que razão havia sendo aquelle homem Principe desta terra para o andarem presequindo, e não o conhecerem por senhor della, ao que o menino Respondera não importava andarem com elle aos tombos por q ele tudo havia de venser, e que esta gente desta terra era incredula porquanto tinhão vindo a ella os Padres Missionarios a reduzir a gente para irem a restauração da Casa Sancta ahonde o ditto denunciado era Imperador, e que como não poderão fazer couza alguà viera o dito denunciado para a reduzillos, e como não querião por bem os havia de obrigar por forsa; e mais não disse [...].¹⁰⁷

Mariana, portanto, mostrou ter se apropriado de figuras da história sagrada, por meio do que se arrogava à posição de porta-voz de Nossa Senhora e do Menino Jesus, reiterando as palavras de Antônio, concebendo este último como um Imperador que levaria a salvação aos escravos da Vila do Príncipe. Mariana, assim, alimentou e contribuiu com parte do enredo, sendo juntamente com Antônio uma atriz dessa história.

A prisão e o malogro dos projetos trouxeram grande perturbação ao eremita. Ele, que se via como o Encoberto e que já dizia no tempo de suas quimeras que Deus não governava bem por deixar-nos cair em tentação, deu mostras de ter passado a desacreditar das palavras divinas: o anjo da guarda não o protegia, Deus, por conseguinte, também não; Deus fora o culpado por seus projetos (segundo se pode

¹⁰⁴ Ibid. p. 278.

¹⁰⁵ IANTT. **Inquisição de Lisboa**, Maço 58, p. 278.

¹⁰⁶ Ibid., p. 271v.

¹⁰⁷ Ibid., p. 286.

interpretar de suas palavras), devendo o mesmo ser castigado (e não ele, o Barbaz). Nesse processo de desconstrução, ele se voltou contra os mistérios da Criação, questionando o fato da serpente ter enganado a Eva: Deus fora quem lhe colocara o pomo na boca e, portanto, instituíra o pecado. Embora perturbado, era lúcido a ponto de apontar as contradições referentes a Deus que se encontram nos ensinamentos da Igreja e na Escritura Sagrada.

O Vigário da Vara Miguel de Matos, já na condição de Comissário do Santo Ofício, em parecer destinado a este Tribunal datado de 02 de novembro de 1746, forneceu informações que o mostram como um autêntico mediador cultural e como um sujeito capaz de se expressar conforme a condição dos interlocutores. Segundo o Comissário, Antônio-João Lourenço entrara na Comarca:

[...] em habitos de mendicante, mas com m^{ta}. soberania, e sizudeza no aspecto, como eu o vi algumas vezes, procurando sempre pessoas sinceras com as quais tinha as suas conversas *conforme os genios que nellas percebia*, e com algumas se fingia Principe encuberto, como foi com o P^e. Manoel da Rocha de Azevedo, sacerdote de boa vida e costumes morador no Arraial da Tapera desta Com^{ca} e sinçero, a q^m. o delinquente affirmou ser Principe, e que viera fugido p^a. esta terra por quererem matallo, e que por hisso andava disfarçado, e occulto, o que o mesmo Padre me disse a mim, vendo eu em sua caza huma occaziam, ao tal delinquente, e lhe perguntar, q^m. elle era. Como tambem o P^e. Jose dos Santos morador na Villa do Principe, me disse, que o dito delinquente, em conversa que teve com elle, se lhe quise fazer verdadeyro Profeta, rezam por que o julgava falto de juízo.¹⁰⁸
(destaques meus)

Reafirmou, ainda, o bom juízo do denunciado: “Fallãdo com pessoas intelligentes mostra ter m^{ta} boa capacidade e juizo, e de que tive criaçam m^{to} diversa, do que declara no seu depoi^{to}. nas perguntas, que lhe fiz, nas quais colhi delle ser bastantem^{te}. vagar, e prespectivo, poiz se não contradisse em couza alguma.” Acrescentou que não havia informações de “que pedisse esmollas, aceytava sim o que lhe davam p^a. seu sustentto, mostrandose sempre inteyro, e independente, com m^{to}. bom modo nos lugares sagrados, e nos públicos”. Explicou que sua prisão dera-se por ter

[...] feyto sequito de Negros, e de mulatos, a quem affirmava, que era seu Principe, e que vinha mandado por Deos a livrallos do captiveyro em que estavam, pois todos eram Livres, e devassandosse disto pello juizo secular foi prezo, e logo que esteve na Cadea se foram publicando as preposições, que elle dice, delatando cada hum, o que lhe tinha ouvido; sendo que me não consta em publico os deffendesse, ou affirmasse, mais do que na forma, que declaram as Testemunhas,

¹⁰⁸ IANTT. *Inquisição de Lisboa*, Maço 58, p. 325-325v.

por onde me parece se faz mais sospeytosa a sua sagacidade. E me persuado, q tem tem suas allucinações do Demonio; pellas quais se deixou cahir naquelles absurdos.¹⁰⁹

Decisão da Inquisição: Antônio, loucura e libertação; Comissário, repreensão

A Mesa da Inquisição, em comissão datada de 09 de março de 1753, comunicou ao Comissário sua avaliação do Sumário por este último encaminhado. Entenderam os juízes, por unanimidade, que “se provava bastantem^{te}. que o delato [isto é, Antônio da Silva] padecia Loucura”. Por este motivo, o Tribunal ordenou que fosse colocado em liberdade, caso ainda estivesse preso, e também que se lhe restituíssem seus bens. A Mesa, além disso, considerou o Comissário sem autoridade para fazer a prisão do denunciado, afirmando que “se estranhará severam^{te}. o embargo que fez do d^o. prezo sem para isso ter ordem deste Tribunal”¹¹⁰ e admoestando-o nos seguintes termos, aos 23 de maio de 1753:



Nesta Meza foy prez^e. q. VM. excedendo as ordés q lhe forão cometidas respectiv^e ao prezo Ant^o. da Sylva aliás João Lourenço, q se acha na Cadea publica da V^a. do Principe, o mandara embargar na mesma prizão da p^{te}. do Santo Officio, sem p^a. isso ter Mandado nosso; p^{lo}. q estranhamos m^t. a VM este excesso, q. praticou com notorio gravame do d^o. prezo, e lhe advertimos q' socedendolhe outra semelhante, procederemos como nos parecer justo, e de como VM recebeo esta nos responderá a marge desta.¹¹¹

À margem do documento, com efeito, há uma anotação feita pelo Comissário, data de 22 de setembro de 1753, pela qual ele se explica e se desculpa. Atribuiu ao seu “Catholico zelo” as providências que tomara, dentre elas a ordem dada ao carcereiro para que “não soltasse o tal prezo”, de forma que “o mesmo prezo, vendosse na sua Liberd^e. nam continuasse em mayores erros, entre estes povos Rústicos”.¹¹² Reconheceu, por fim, sua falta de autoridade para ter dado a ordem supracitada ao carcereiro, acrescentando: “se nisto errey confesso a culpa, e humildemente recebo a reprehenssam, que essa Santa mensa [sic] me dá, e protesto firme^{te}. a emmenda”.¹¹³

¹⁰⁹ Ibid., p. 325v.

¹¹⁰ IANTT. **Inquisição de Lisboa**, Maço 58, p. 327.

¹¹¹ Ibid., loc. cit.

¹¹² Ibid., p. 328.

¹¹³ Ibid., p. 328v.

As testemunhas ouvidas e o comissário, enfim, apresentaram uma interessante situação de circulação cultural protagonizada pelo mendicante Antônio-João Lourenço, um lisboeta, conhecedor da capital do Império lusitano e que falava a língua portuguesa como tal¹¹⁴. Nela se conjugaram a linguagem oral e os livros; clérigos, proprietários de terra, mecânicos e escravos, cativos e forros; brancos, pardos e negros; crioulos e africanos, sob a mediação e liderança do mendicante. Esse homem conectou pessoas de maior e menor qualidade; o rural e o urbano; idéias ortodoxas e heterodoxas dos pontos de vista político, moral e religioso. Se Antônio-João Lourenço foi o mediador cultural, se ele esteve por trás da articulação de todos esses elementos e atores socioculturais, se ele foi o protagonista dos acontecimentos, houve, é importante declarar, coadjuvação: clérigos renomados na Vila o receberam e com ele dialogaram, sem o tomar como louco; outros elementos livres, assim como também forros e cativos, com ele estiveram, tendo alguns o visto como doido e outros, não só respeitado suas idéias, como participado ativamente na sua divulgação e mesmo composição. As idéias de Antônio-João Lourenço expressam uma apropriação inventiva de elementos culturais de origens distintas; os coadjuvantes (participantes e denunciantes-detratores) da tentativa de sedição liderada pelo mendicante também se caracterizaram pela inventividade e, de fato, deram sua colaboração, acrescentando idéias e agindo concretamente.

Conclusão

A trajetória e as idéias de Antônio da Silva são dotadas de singularidade. Chamando-se também João Lourenço, o líder do ensaio de revolução era um reinol que demonstrava conhecimento literário, desenvoltura verbal, capacidade de ajustar sua conversação ao estado dos interlocutores, um falar tipicamente do Reino. Homem branco, ele se dizia filho de D. João V e da rainha Vitória (embora alguns o tenham classificado como filho natural do soberano, a partir de suas próprias declarações) e, ainda, estar em Minas por ser perseguido em Portugal.

¹¹⁴ Segundo João Gonçalves, homem branco, solteiro, reinol, natural do bispado de Lamego, morador na Vila do Príncipe, que vivia do ofício de ferreiro, Antônio “pello modo, e pella falla parece ser natural do Reino” (Ibid., p. 299v). Já o depoente Manoel Pinto, um lisboeta, declarou que: Antônio José “he Lido em forma que elle testemunha [sic] lhe parece que elle não he secular e em certa ocazião fallando elle testemunha com o dito prezo em Lisboa vendo q~ elle lhe dava noticias miudam^{te}. da mesma Cid^e. dos bayros e de m^{tas}. Pessoas lhe perguntou elle testemunha se era filho de Lisboa, ao que o dito prezo respondera q’ não era q era natural de S. Antonio do Tugal, e se tinha criado em Lisboa” (Ibid., p. 303-303v).

Esse mendicante teve ampla circulação social na Vila do Príncipe. Foi reconhecido por todos como homem familiarizado com as letras e natural do Reino, tendo ensinado alguns rapazes a ler. Teve conhecimento com dois padres, circulando, portanto, não apenas com as ovelhas do Serro, mas também com os pastores, e, se um deles achou-o louco, o outro nada disse a esse respeito, parecendo mesmo ter acreditado que ele era Príncipe Encoberto. Ambos os pastores não o denunciaram à Inquisição e não parecem ter feito nada contra ele. Antônio foi protagonista de um ensaio de rebelião, que tinha como suportes almejados os negros, mulatos e índios, todos eles alvos de promessas de serem libertos do cativeiro, libertação esta que se associava à conquista dos Lugares Santos e à luta contra os mouros. O eremita em tela, portanto, fazia a associação entre milenarismo-messianismo e rebelião escrava, qualificada diferentemente: revolução, levantamento e, ainda, reforma. Alguns escravos, de fato, pegaram em armas em nome da luta por sua libertação do cativeiro, ainda que não as tenham colocado em ação. Mais do que isso, foram capazes de ameaçar o eremita caso se mostrassem quimeras seus planos.

A ampla circulação de Antônio, insisto, ademais, mostra sua sagacidade, esperteza e habilidade. Sua sapiência foi reconhecida pelo comissário, malgrado os seus delírios (expressões, segundo a mesma autoridade, de seu lado demoníaco). Logo, a conduta do eremita foi, no mínimo, considerada aceitável em termos dos parâmetros culturais e sociais, mesmo para o primeiro padre. O comissário do Santo Ofício, deduz-se, era conhecedor destes fatos e só tomou providências quando se abriu a devassa na justiça secular e soube sobre seu conteúdo. A atuação das escravas Mariana e Clara, bem como a do negro forro adivinhador, inclusive no que se referia às profecias relativas à Terra Santa e à ascensão ao trono de Antônio, comprovam que suas idéias milenaristas-messiânicas encontraram acolhida, tendo os mesmos elementos condições de dialogar com o eremita, acompanhando-o e trazendo-lhe contribuições nos devaneios. Isso permite supor que o milenarismo estava enraizado em Minas, atingindo não apenas os círculos clericais e letrados, como também os rústicos, até mesmo cativos e forros.

O eremita Antônio não possuía uma cosmologia ou uma visão coerente a respeito da religião, mas elementos da fé católica foram por ele apropriados e organizados dentro de uma chave que legitimava a insurgência. Toda a digressão sobre aspectos da religião revela que o eremita apropriava-se de idéias ortodoxas e populares,

articulando-as (até mesmo na exclusão) de um modo muito próprio, mantendo distância da ortodoxia e dos heterodoxos mais comuns. Assim fazia a respeito da natureza de Cristo; assim fazia também sobre a fornicação, não defendendo a fornicação simples, mas a mancebia com uma mulher só. Se não lera escritos do padre Antônio Vieira, teve, ao que parece, acesso a idéias do renomado jesuíta, pois, ainda que não tenha falado propriamente em Quinto Império, o Reino por ele concebido tinha características ao Império mencionado nas Escrituras e pelo grande sermoneiro luso-brasileiro (a união pela conversão de todos e a recuperação dos Lugares Santos); a correlação entre movimento dos astros e fatos político-religiosos era outro aspecto que unia a ambos. Como outros milenaristas-messiânicos, conjugava milênio, violência e sedição, conectando-se, por isso, longinquamente ao joaquimismo. Como todo milenarista, parece ter desculpado seus erros de previsão a partir da consideração de que os acontecimentos seriam “segredos de Deus”. O mendicante não demonstrava ter ambição material, mas apenas político-religiosa. Dirigia-se aos oprimidos, envolvendo também os índios.

Sua auto-representação como filho de D. João e irmão legítimo ou bastardo de D. José, sua compreensão de que nas Minas Gerais havia exploração (extração da riqueza, promovida por clérigos regulares e a serviço do estrangeiro), sua atuação no Serro Frio, suas identidades e nomes distintos, sua apreensão da América como o centro de um Reino (ele, de fato, não usava a expressão Quinto Império) separado de Portugal, por seu turno, remetem ao também milenarista-messiânico Pedro Rates Henequim. Este também recorreu a embustes, falava sobre a riqueza de Minas, tinha projetos sediciosos (que passaram pela tentativa de fazer o infante D. Manoel o Imperador da América, contra o irmão, El-Rei D. João V), queria fazer justiça e, por fim, concebia a América como o centro do Quinto Império do Mundo. Essa centralidade da América, nos pensamentos de Antônio e de Henequim, ademais, irmanava-os a milenaristas e/ou messiânicos que atuaram nas Américas Espanhola e Inglesa.

A defesa da reencarnação e da proposição segundo a qual não havia Inferno, a crítica à presciência divina, à divindade de Cristo, à intercessão do Espírito Santo na concepção do último pela Virgem Maria, seu questionamento posterior do fato da serpente ter enganado Eva (Deus, na verdade, teria colocado o pomo na boca desta e, portanto, instituíra o pecado), bem como suas blasfêmias e desacatos, mostram, por sua vez, conexão com outros propositores heréticos, em sua maioria, grande parte afastados

do catolicismo e aqui não abordados. O propor à escrava Mariana que ele e ela se colocassem em lugares diferentes, e que aquele que fosse pego pela justiça primeiramente seria o representante do verdadeiro Deus, por fim, demonstra a esperteza do denunciado, sugerindo que se ele era louco, não deixava por isso de ser também velhaco.

Ao contrário de Henequim, Antônio propôs-se a liderar uma revolução de pardos, negros e índios, forros e escravos, libertando os últimos do cativeiro. Ainda que os índios tenham merecido pouco espaço em suas reflexões e falas, ele os mencionou. Não excluiu, além disso, os brancos. Mas esses não foram seus alvos privilegiados. A sedição de Henequim, entretanto, não tinha esse caráter social. Esse último, ademais, ao que parece, não se preocupou com os portugueses do Reino, que mereceram referência explícita de Antônio. Ambos, é verdade, malograram em seus intentos. Mas diferentemente do sucedido com Henequim, queimado como herege pela Inquisição, Antônio foi considerado por esta um louco, ainda que poucos dos depoentes interrogados na Vila do Príncipe comungassem deste parecer. Louco, velhaco, sábio, ou não, malgrado sua fortuna distinta da de Henequim, Antônio da Silva, por suas idéias e sua trajetória em Minas, em meados do século XVIII, se revela que na Capitania a presença de idéias milenaristas não foi algo episódico e residual, indica também que era forte a percepção de um contraste entre a riqueza da terra, o peso dos tributos e as “traições” e “injustiças”, fornecendo um caldo propício para a ocorrência de rebeliões. Seriam tais elementos constitutivos de uma cultura política local, como quer Adriana Romeiro? Não é possível assegurá-lo. Parecem mais indicativos da existência de uma cultura luso-brasileira, com tons poderiam assumir variações locais.